

IMPRESSOS, CATOLICISMO E EDUCAÇÃO: UMA ESTRATÉGIA DE CONFORMAÇÃO DO CAMPO PEDAGÓGICO

Evelyn de Almeida Orlando¹
UFS – evelynorlando@oi.com.br
Maria José Dantas²
UFS – mariajosedantas@yahoo.com.br

Palavras-Chave: impressos; catolicismo; educação

Introdução

Sob o influxo da Nova História Cultural, as pesquisas em História da Educação têm manifestado uma preferência por objetos que revelem as práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos. Estes últimos estudados também na sua materialidade, nos seus suportes que os sustentam como objetos culturais. Tal mudança de enfoque tem sido acompanhada de um novo leque de objetos e fontes que respondam aos problemas que se colocam na pesquisa.

Os estudos sobre impressos e seus usos pedagógicos vêm se constituindo importante área de investigação para o campo da História da Educação nas últimas três décadas. Estudos sobre livros escolares, imprensa periódica especializada em educação, coleções destinadas à professores, bibliotecas pedagógicas, entre outros suportes, têm revelado a circulação dos saberes pedagógicos e o conjunto de códigos considerados necessários à formação dos professores em diferentes tempos e espaços. No âmbito dos impressos católicos, esse leque se abre para os folhetos, catecismos, manuais de devoção, encíclicas e demais objetos advindos da tipografia, que tiveram seus papéis na educação escolar ou paroquial.

Este trabalho articula-se a duas pesquisas voltadas a analisar tanto a configuração material quanto o suporte textual de livros didáticos de catecismos³ e revistas de educação católica de alcance nacional. As revistas aqui investigadas fazem parte de um movimento internacional com sede na Itália⁴. Ambos os impressos tiveram sua circulação fomentada ao longo do século XX. O estudo sobre os manuais de catecismos está assentado entre as décadas de 30 e 60 do século XX e as revistas na segunda metade desse século até os dias atuais.

Esses dois impressos, nas suas destinações aos usos dos professores, marcam estilos de configuração dos saberes pedagógicos. Não obstante este artigo não se voltar para a análise da *apropriação* desses saberes, este conceito aparece como um dos tripés da uma História Cultural do impresso, do livro e da leitura por apontar a multiplicidade que o objeto impresso pode ter em tempos e espaços distintos. Além de apontar ainda para a configuração do público leitor ao qual se destina e suas *comunidades* tal como sugere Chartier (1990).

Conforme Chartier (1990), a materialidade, as estratégias de produção e circulação e as apropriações são três problemáticas distintas, porém convergentes que formam o tripé das investigações dos objetos culturais. Este estudo se volta para a primeira vertente aliando-a ao suporte textual e estabelecendo um paralelo ao modelo de impresso tal como sugere Marta Carvalho (2007). Carvalho caracteriza três modelos de configuração material do impresso, que o associa indiretamente, pelo seu conteúdo, às possibilidades de usos que os encerra: *a caixa de utensílios*, *o guia de aconselhamento* e *o Tratado*. Segundo CARVALHO,

O impresso materialmente configurado como *caixa de utensílios* organiza-se segundo a lógica de fornecer ao professor “coisas para usar” na sala de aula, compondo um programa curricular: uma poesia aqui, um canto ali, uma estorinha lá, um modelo de lição acolá. Nessa lógica, o impresso é composto como repertório de materiais cujos usos supõem regras que não necessitam de explicitação, sendo dadas como regras culturalmente compartilhadas. Assim, o impresso se organiza a partir do suposto que o seu próprio código de leitura está dado em outra parte [...] o modelo *guia de aconselhamento* é produto de uma tradição mais antiga do que a que conformou o impresso como *caixa de utensílios*. Sua configuração é herdeira da longa tradição de um gênero: o das preceptivas ou livros de aconselhamento de príncipes que tiveram o seu apogeu nos séculos XVI e XVII [...] Fundamentando-se na metafísica cristã escolástica e neoescolástica, e pressupondo a repetição do costume tradicional, o gênero recicla padrões antigos, gregos e latinos, patrísticos e medievais, adaptando-os à centralização monárquica dos séculos XVI e XVII e representando-os em formulações éticas ordenadas pela retórica. Retomando tópicos e recursos retóricos dessa tradição, muitos livros de Pedagogia que circulam no século XIX organizam-se como *guias de aconselhamento* recheados de preceitos moralizantes que visam moldar, segundo representações éticas de longa tradição no pensamento teológico-político europeu, um novo tipo de profissional: o professor. [...] Distinguindo-se desse modo dos *guias de aconselhamento*, o *Tratado de Pedagogia* diferencia-se também do impresso materialmente configurado como *caixa e utensílios*. Nele, os usos escolares do impresso são regulados por normas distintas daquela que prescreveram a arte de bem ensinar como boa cópia de modelos. Nele, a pedagogia deixa de fornecer modelos exemplares de

lições para oferecer fundamentos e os métodos nela apregoados são dissociados da prática, das “artes de fazer”. Amalgamando princípios ditos filosóficos ou científicos com saberes extraídos da experiência de casos considerados de “bom senso” e muita vez de senso comum acumulados como cultura escolar informal, o *Tratado de pedagogia* se configura como manual que compendia e sistematiza os saberes que estatui necessários ao exercício da docência (CARVALHO, 2007, p. 23-30).

Os dois impressos tomados neste trabalho como referência para análise se inserem em modelos distintos. Os catecismos, em sua maior parte, se configuram como *Guias de aconselhamento*, a exceção de alguns manuais como **A Pedagogia do Catecismo** (1950) do Monsenhor Álvaro Negromonte⁵ que mescla elementos dos *Guias* com os do *Tratado de Pedagogia*. Já as revistas, neste caso a revista “Cidade Nova” se configuram como *caixa de utensílios* e *Guias de aconselhamento* simultaneamente. As apropriações que deles foram feitas extrapolam os limites dessa investigação, mas certamente contribuíram para estender as possibilidades dos usos visados, prescritos ou inscritos nas suas materialidades.

Catecismos e revistas: suportes de saberes pedagógicos

Na década de 30 do século XX no Brasil, o Monsenhor Álvaro Negromonte impulsionou o movimento de renovação do ensino religioso, utilizando o impresso como um forte aliado na formação do profissional docente, fosse ele um professor secular, de catecismo, ou exercesse, tal como sugeria Negromonte, as duas funções no espaço da sala de aula. A destinação pedagógica dada ao impresso exerceu, muitas vezes, a sua função não só entre os alunos mas também entre os professores. Entre as décadas de 30 e 60 do século XX, houve uma proliferação de impressos de cunhos variados voltados para o aperfeiçoamento dos professores, atualizando-os e colocando-os a par das discussões educacionais que vinham fomentando o campo da Pedagogia. De acordo com Carvalho (1994),

A produção historiográfica sobre educação tem subestimado a intervenção dos católicos na configuração e difusão da pedagogia da Escola Nova no Brasil, nos anos iniciais da década de 1930. Isso porque tem atribuído à militância pedagógica católica um papel apenas reativo: o de barrar a difusão de toda e qualquer inovação proposta pelos chamados Pioneiros da Educação Nova. Com isso, fica prejudicada a compreensão a respeito de quais teriam sido as versões do escolanovismo disseminadas entre os professores, pois não é possível subestimar a eficácia das estratégias católicas de

difusão doutrinária no campo pedagógico, estratégias nas quais estava em jogo a hegemonia da Igreja (CARVALHO, 1994, p. 41)

As bases do professorado católico estavam calcadas na Pedagogia Católica que vinha se modernizando em suas práticas pedagógicas e em suas estratégias de difusão do pensamento, como o uso do impresso.

Na **Pedagogia do Catecismo** o autor demonstra de forma clara sua inclinação à inovação de algumas técnicas pedagógicas. O conteúdo da obra se resume nos fins a conseguir, na pessoa do catequista e nos meios a empregar para garantir uma aprendizagem eficiente. Sua influência pelas idéias de Pestalozzi faz com que suas diretrizes se voltem fundamentalmente para a psicologia da criança.

O ensino deve ser adaptado a linguagem da criança. Se é ensinado com muito devotamento é ensinado mal, pois a criança não é capaz de abstrair os ensinamentos que lhe são ministrados. Dessa forma o ensino catequético permanecerá falho em sua raiz, impotente para esclarecer-lhes a inteligência e impregnar-lhes a vida. Os métodos devem sofrer uma transformação radical. (NEGROMONTE, 1950, p. 9).

A finalidade do catecismo defendida por ele é a mesma da educação cristã, ou seja, a formação do cristão perfeito, através da formação de hábitos cristãos, hábitos piedosos, a preparação para o apostolado e a iniciação litúrgica. Essa ênfase na feição espiritual não significa dizer que não atinja ou outros setores da vida humana através do modelamento dos espíritos a partir da formação moral. Esse tipo de formação começa desde a infância através do direcionamento da sua vontade, da formação de convicções com raízes profundas e sólidas na inteligência capazes de produzir um sentimento forte, enérgico, capaz de orientar e corrigir as paixões as quais a espécie humana está sujeita.

A consciência é considerada a base mais segura da vida cristã. Está dentro do indivíduo é considerada a própria voz de Deus, embora padeça da influência dos sujeitos e aos vícios lhe impõem. Por essa razão ela se constitui no foco principal da doutrinação do indivíduo. Educar a consciência significa plantar em terreno seguro. Os ensinamentos inculcados de forma precisa, sem deixar margem de dúvida a respeito da sua veracidade, garantem uma apropriação efetiva das idéias ensinadas e conseqüentemente a repercussão das mesmas. O indivíduo que inicialmente se constitui em um agente passivo no processo doutrinário passa a ser um importante elemento ativo nesse mesmo processo abrangendo o contingente de fiéis.

Sua defesa de que o catecismo deve ser ensinado às crianças em uma linguagem apropriada requer do professor uma preparação maior assim como o emprego de métodos modernos mais aperfeiçoados, a fim de não se ficar em condições de inferioridade. Para ele, é algo ilusório esperar no catecismo paroquial a maioria das crianças da paróquia, por isso, o ensino religioso nas escolas é muito mais proveitoso. Os colégios católicos são considerados por ele frutos da fecundidade maternal da igreja. Por essa razão deve haver um consórcio do eterno com o novo. Todas as avançadas consideradas boas dos homens devem ser postas a serviço da fé. Por isso ele defende enfaticamente a aplicação ao ensino religioso dos modernos processos de ensinar que consiste basicamente em ensinar fazendo viver a doutrina. Apesar desse pensamento nos dar o deslumbre do método intuitivo, que permite ao aluno aprender através da experiência, o Monsenhor Negromonte deixa claro que o método ideal a ser empregado é o método indutivo, segundo ele, o mesmo utilizado por Jesus Cristo, aproveitando os métodos históricos, litúrgicos e evangélicos.

A formação intelectual requerida do professor/catequista engloba um bom conhecimento da doutrina católica, boa vida cristã e um bom aparelhamento pedagógico, apesar de cada aula requerer sempre uma preparação especial e imediata se for o caso. O catequista deve basear sua vida no estudo pessoal com ênfase na reflexão, pela visão do conjunto e pelo panorama de toda a doutrina católica, deve também organizar círculos de estudo com catequistas e professoras, onde uma pessoa é nomeada para fazer uma curta e esquemática exposição do assunto, o qual será discutido em seguida por todas, sob a orientação do dirigente. Considerando o catecismo como uma ação que visa o sobrenatural, não basta somente o investimento nos meios humanos. Uma boa professora pode não ser uma boa catequista. Nesta, se exigem condições sobrenaturais para ser um instrumento apto, um meio idôneo a realização da obra que se tem em vista. A santidade de vida, o espírito sobrenatural, uma sólida e verdadeira piedade são elementos fundamentais para o êxito da catequista. Além disso, a Igreja prega a pedagogia do exemplo, portanto deve-se viver o que se ensina, já que sua posição a coloca diante de observadores de extrema perspicácia. As crianças não só a observam como a imitam.

Os meios a empregar para garantir uma aprendizagem efetiva nas aulas de catecismo é o ponto onde se sente a maior inovação das idéias do Monsenhor Negromonte. Seu discurso não apresenta mudanças em relação às doutrinas da Igreja. Ao contrário, ele se mostra um árduo defensor do ensino religioso como elemento

fundamental para a formação moral dos indivíduos. Suas propostas de inovação das técnicas pedagógicas refletem na realidade a intenção de que esse aprendizado ocorra da forma mais segura e duradoura possível, atingindo o nível de consciência necessário para sua apropriação efetiva. Com isso, ele defende o uso da imprensa para distribuir circulares que tratem da importância da frequência ao catecismo pelas crianças, o uso dos *pescatori* para acompanhar aqueles que os pais não permitem sair de casa desacompanhados, aulas atrativas que prendam a atenção das crianças (a psicologia das crianças é o guia do catequista. Crianças com sete anos ou menos não se interessam por abstrações. Elas querem ver, ouvir, pegar), conteúdos apresentados de forma concreta, estimular a memória a partir do real entendimento da lição se constitui em um eficiente exercício de fixação (existem regras para decorar a lição, mas mesmo antes de decorar é preciso que se faça entender a lição até mesmo se estas forem simples orações).

Fazer com que a criança queira aprender é um desafio ao professor, mas absolutamente necessário, já que quando se quer, se aprende mais facilmente. As sessões de catecismo devem ser dadas segundo as orientações do Monsenhor em um local que reflita um aspecto religioso, seja na igreja ou nas escolas. O horário nos Grupos Escolares tem na segunda aula a melhor opção, pois na primeira aula, as crianças estão cheias do que trouxeram de casa e da rua. Nas paróquias o ideal é que seja feito após a missa, no entanto cada um deve saber o melhor horário para a sua realidade o que importa é que tudo seja determinado e fixo, sem mudanças repetidas que dão sinal de desordem. A pontualidade para começar as aulas é um ponto educativo importante a considerar. A disciplina deve começar a ser trabalhada a partir da compreensão dos regulamentos, das ordens, das proibições porque só se pode amar aquilo que se compreende; a vigilância deve acontecer de forma natural, como reflexo do caráter paternal; as sanções mostram por fatos concretos através de recompensas ou punições o que é bom ou mau, encorajando no cumprimento do dever e auxiliando na correção dos defeitos. Há pedagogos que lhes são contrários por medo de que as crianças façam o bem com vistas interesseiras ou fujam do mal com receio ao castigo.

Os processos utilizados para o ensino catequético são vários. Os materiais abrangem quadros murais, álbuns, projeções, museu catequético, quadro negro, mapa da Palestina, dísticos. Os Recursos didáticos se constituem de exemplos, comparações, histórias e parábolas. Os auxiliares de ensino podem variar desde excursões, deveres escritos, jogos, trabalhos manuais, controle de conhecimentos (vale ressaltar que a observação é considerada um meio precário, sendo os mais eficientes os exames, as

perguntas e os testes) até as dramatizações. O Canto deve ser ensinado como um dos atos do culto, um costume cristão, pois tem a característica de comover com mais facilidade. Dessa forma, deve ser ensinado sem dúvida nas aulas de catecismo, já que também é um ótimo exercício de fixação. Deve-se explicar antes o que estão cantando lendo e explicando o texto, os cantos não devem ser longos e as crianças devem cantar sempre de pé. Recurso desprestigiado no Brasil. A Oração se constitui no primeiro cuidado da catequista. Não basta, portanto, ensinar o que é oração, dizer como se reza e quando. É preciso acostumar a rezar, fazer da oração uma necessidade do cristão, uma atividade permanente e que a criança procure a Deus naturalmente. A Confissão têm um caráter educativo quando ela desenvolve na criança um exame de consciência acostumando a criança a julgar-se comum puro critério de moralidade, obrigando-a a reconhecer não só os erros exteriores cometidos, mas até as maldades e desvios de espírito, com que viciamos, às vezes, até as ações boas. Apesar das vantagens dos formulários de exame, é utilíssimo acostumar as crianças a examinar-se sem livros, percorrendo a vida para educar o espírito infantil. Isso a criança faz interiormente, não para agradar ao professor, mas a Deus e garante de forma eficaz o controle das pulsões. A Eucaristia deve ser o centro de formação para onde toda a vida cristã deve ser encaminhada. As Associações infantis se constituem no meio mais seguro de educação, uma escola de regularidade, uma garantia de perseverança. São também um meio de amparar as crianças no momento em que o lar já não lhes basta e elas começam a procurar outras sociedades.

Uma das mais importantes e recorrentes recomendações do Monsenhor para os futuros professores nessa obra é que para se alcançar os objetivos sobrenaturais não se deve esquecer a psicologia da criança.

A escola nova, é a que melhor corresponde à psicologia da criança. Os novos falam em viver, querem um ensino intuitivo, fazer a criança realizar, apresenta vidas como modelos, o aluno tem um contato mais íntimo com o mestre, desenvolvem o senso social, baseiam o ensino no interesse, o desenvolvem sobre motivos, fazem com que a criança exerça sua atividade espiritual como corporal, partem do meio em que a criança vive para atingir o mundo e a humanidade, querem finalmente o homem todo em ação para uma educação integral. A liturgia portanto realiza tudo isto. Ela é ativa por sua própria natureza. Reproduz as cenas aos fiéis vivendo-as nas cores reais (o drama da Paixão de Cristo, por exemplo); Mostra as coisas ao povo por uma participação ativa em seus atos; apresenta a vida de Jesus e dos santos como exemplos a seguir; desperta o interesse pela variedade das festas; aproxima o povo do sacerdote pela união reinante entre o

celebrante e os fiéis; estabelece o máximo espírito de solidariedade com a participação de todos os cristãos no culto; Leva o fiel à sua Igreja e ao seu pároco; Fala ao homem integral: inteligência, vontade e sensibilidade para que sirva a Deus com tudo quanto é. (NEGROMONTE,1950, p. 225,226).

Apesar de todas as inovações metodológicas os recursos propostos pelo Monsenhor sempre conduzem a objetos disponíveis no próprio meio. A História Sagrada, por exemplo, deve ser ensinada sempre, respeitando no entanto, as etapas para as quais se ensina, não fornecendo dados que não serão assimilados por determinada faixa etária e que podem transformar a história em algo chato e desinteressante. Já a História da Igreja não deve se ausentar dos cursos eclesiais em geral, já que a Igreja é considerada a mais viva e sobrenatural realidade da vida de um cristão. É na vida da Igreja segundo ele, que se encontram os melhores elementos para firmar a doutrina católica como doutrina de vida, pois não são abstrações, são fatos.

Uma atenção especial é dada ao ensino do sexto mandamento: “Não pecar contra a castidade” ou “Guardar a castidade”. Sua justificativa para que os professores de religião dêem atenção especial a esse mandamento se refere sobretudo ao controle que o homem deve ter de si mesmo e de suas paixões. Sua filosofia consiste em afirmar que as crianças mal educadas, acostumadas a fazer tudo o que querem, sem medidas, são crianças com incrível facilidade para a impureza. Quem não está acostumado a contrariar as outras paixões, menos se achará com forças para contrariar a paixão impura, pois a tendência sexual é a mais forte da natureza humana.As crianças devem portanto ser incitadas a buscar os meios naturais e sobrenaturais como forma de desenvolvimento saudável, longe do que poderia ser considerado uma ameaça ao pudor. A instrução deve ser dada pela catequista sempre observando a idade e a maturidade da classe, explicando simplesmente o que é a castidade e o pecado oposto.

A análise dessa obra encontra algumas contradições no discurso do Monsenhor Álvaro Negromonte. Certamente, ela é um guia para o ensino de catecismo destinado principalmente às pessoas responsáveis pelo ensino do mesmo. No entanto, apesar do autor se propor no início da obra a ser o mais acessível possível ele utiliza conceitos próprios da Igreja, como por exemplo os conceitos de dogma, liturgia, doutrina, entre outros, mas não os define com clareza, o que dificulta a compreensão dos mesmos. Uma vez que ele ressalta a possibilidade de todas as pessoas poderem auxiliar no ministério catequético, é necessário que os ensinamentos estejam realmente claros e acessíveis para quem se dispõe a fazê-lo permitindo dessa maneira uma eficiência maior no processo de inculcamento das verdades ensinadas.

Outra contradição encontrada está na justificativa dada pelo autor para escrita dessa obra. Ele alega ter sido a razão para a sua inspiração desse trabalho a ausência desse material na língua portuguesa, sendo a dificuldade de acesso à língua francesa o maior entrave para o acesso do povo em relação a esse tipo de literatura, já que praticamente todos os trabalhos existentes estariam publicados em francês. No entanto, durante todo o trabalho ele faz menção a diversas obras que tratam desse assunto e que segundo ele deve servir como obras de referência, inclusive o trabalho da Professora Waleska Paixão.

O autor se mostra também um profundo conhecedor da ciência da educação ao falar tanto de metodologias de ensino, quanto de possíveis recursos a serem utilizados além de ser conhecedor do movimento escolanovista, o qual utiliza inclusive para servir de embasamento para os métodos adotados no ensino das Liturgias. Como todo método não é apropriado em sua totalidade há algumas diferenças quanto à sua aplicabilidade como a ênfase dada pelo catecismo ao método indutivo ao contrário do método intuitivo pregado pelo movimento da Escola Nova. Considerando que o principal objetivo do catecismo é ensinar os preceitos da Igreja como verdades absolutas e, para um aprendizado mais efetivo, é preciso que esses ensinamentos sejam enraizados nos indivíduos sem dar margem a maiores questionamentos, o método indutivo se mostrava, sem dúvida, o mais apropriado para a chamada educação integral, a qual se constituía a base de toda a escola católica.

O ensino do catecismo de forma segura e sistematizada tem em vista garantir à Igreja a formação integral desse homem considerado não só civilizado como também pronto para viver de acordo com os padrões de conduta estabelecidos pela própria instituição como imprescindíveis para o ideal de sujeição às normas eclesiásticas fundamentais para um controle clerical mais efetivo do ser humano enquanto ser social.

Com relação às revistas, em geral elas são veículos de grande circulação em nossa sociedade. Nos diferentes lugares por onde passamos, encontramos exemplares em suas várias categorias: pedagógicas, científicas, infantis, de variedades, entre outras. Para Vilela, a relevância de estudos feitos a partir do conteúdo de revistas educacionais extrapola os limites de interesse da História da Educação. Os historiadores da família, os da Igreja, do trabalho – enfim, qualquer pesquisador interessado na história da cultura pode beneficiar-se dessas informações (2000, p. 7).

A revista “Cidade Nova” surgiu com o objetivo específico de manter ligados os membros do Movimento dos Focolares, que é um Movimento eclesial e civil, iniciado em 1943, na cidade de Trento, norte da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de não ser específica do campo da pedagogia, publica diversos artigos que podem se tornar de grande contribuição para a educação, tanto com relação à formação do professor, como em colaboração nas pesquisas escolares e na aprendizagem dos alunos.

Atualmente a revista, é composta por diversas seções. Nesse aspecto ela se assemelha, efetivamente, a *caixa de utensílios*, tal como define CARVALHO (2007). Dentre um universo de inúmeras publicações, procuramos aqueles artigos que interessam, especificamente, aos objetivos desta investigação. Destarte, foram selecionados 31 textos inseridos na “Seção Educação”. A partir desta seleção e da conseqüente leitura, formamos diferentes categorias de análise por temas mais recorrentes. Foram encontradas 6 categorias, tais como: artigos que enfatizam “Educação e Relações Familiares (Crianças, Adolescentes e Planejamento Familiar)”; artigos sobre “Escolarização, Disciplinas e Práticas Educativas”; sobre “Sistema Educacional, Legislação, Analfabetismo, Tecnologia e Educação”; aqueles que focalizam a “Educação e valores do Movimento dos Focolares”; sobre o “Trabalho Docente”; e sobre os “Intelectuais da Educação”.

A educação sempre foi uma área de atuação para o Movimento dos Focolares. Segundo Chiara Lubich, educação pode ser vista como “o itinerário que o sujeito educando percorre, com a ajuda do educador, em direção a um dever ser, uma finalidade considerada válida para o homem e para a humanidade”(2003, p.275). Por isso, ela via como importante uma boa formação familiar, bem como um processo de escolarização que possa ser um suporte para o educando. Chiara foi uma professora e, didaticamente, ensinou os passos a serem dados no campo educacional. E isso se constata pelas iniciativas do Movimento nessa área, pela criação de escolas e pelos congressos promovidos.

A finalidade do processo educacional ligado ao Movimento dos Focolares é realizar a unidade. Por isso, existe um empenho, através dos seus impressos, em colaborar nesse sentido. Observando o corpo da revista, verificamos que não existe um autor específico que escreve sobre educação, mas sim diversos educadores, que colocam em comum suas pesquisas e estudos visando difundir a cultura de mundo unido e a proposta de educar para a fraternidade, unidade e solidariedade. São enfatizados, nos

artigos, acontecimentos relevantes, fatos importantes do Brasil e do mundo que os meios de comunicação de massa muitas vezes não noticiam.

A primeira categoria analisada, diz respeito à educação nas relações familiares e discute a importância da formação nos primeiros anos de vida da criança. Examina, ainda, a educação voltada ao planejamento familiar. A educação familiar, voltada para o relacionamento entre irmãos e a questão do medo e das proibições, também foi enfatizada e, dentro desse contexto, também foi contemplada a educação quanto ao planejamento familiar. Percebemos que existe uma ênfase na preocupação com a adolescência. Observamos que são artigos que enfatizam a educação, mas que estão inseridos dentro do contexto familiar.

A segunda categoria, “Escolarização, Disciplinas e Práticas Educativas”, tem características notadamente pedagógicas e didáticas, visto que volta-se para os temas da escolarização, disciplinas escolares e práticas educativas. Nessa categoria, também identificamos oito artigos, todos escritos por diferentes autores. Alguns apontam para abordagens científicas, no sentido de enfatizar o pensamento de autores como Skinner e Rousseau. Outro apresenta o relato de uma realidade educativa desenvolvida nos Estados Unidos. Voltada para a experiência brasileira, a educadora Maria do Carmo Gaspar entrevista uma professora, de um colégio público, sobre a situação da escola atual. Também nessa categoria, dois artigos, de certa forma, completam-se, apesar de terem sido publicados em anos diferentes. É o artigo de Adenéia Aparecida Gil Martins, que enfatiza a importância de “reconstruir o conhecimento” e o artigo do Marcello Benites, que apresenta algumas teorias sobre o conhecimento. Quanto à temática das disciplinas, um professor de Matemática aponta alternativas para motivar o aluno nessa matéria. Fechando o quadro, o último artigo traça uma abordagem ligada ao campo da Psicologia, na qual o autor trabalha a ênfase na motivação, como caminho para desenvolver a personalidade global da criança.

A terceira categoria, “Sistema Educacional, Legislação, Analfabetismo, Tecnologia e Educação”, continua a linha pedagógica e didática. Nessa categoria, encontramos sete artigos. A maioria deles com autoria de diferentes colaboradores. Os temas dizem respeito às mudanças que acontecem na sociedade, devido ao aparecimento da informática e de sua influência para as novas e futuras gerações. No tocante às questões ligadas à legislação, analfabetismo e sistema educacional são cinco os artigos que evidenciam, diretamente, essa problemática. Um outro artigo discute questões de uma Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na qual a educação,

evidenciada na preocupação da Igreja, fez-se presente como um dos temas debatidos no evento.

A quarta categoria, “Educação e valores do Movimento dos Focolares”, volta-se para os pontos enfatizados pelo Movimento. Nessa categoria, localizamos cinco artigos. Dentre as questões apresentadas nos artigos, aparece o enfoque na educação para a paz e em educar para um mundo unido, aspectos ligados diretamente aos valores que o Movimento propaga. Também é apresentado o relato de experiências de educadores que procuram colocar em prática a “Pedagogia da Unidade”, um novo modelo de educação sugerido por Chiara Lubich .

O artigo de Jaime Luccas é uma cobertura jornalística sobre o Fórum Mundial de Educação. Já o último artigo, narra a trajetória e algumas experiências do projeto educacional desenvolvido pela Escola Santa Maria em Igarassu-PE.

A quinta categoria, “Trabalho Docente”, é composta apenas por dois artigos que enfatizam o tema do trabalho docente. No primeiro artigo, o autor aborda a necessidade de participação e compromisso dos educadores na busca por redescobrir o papel da escola na virada do milênio. Já o segundo do professor Samuel de Souza Neto, enfatiza a necessidade da valorização do professor, que é desprestigiado pela sociedade e pelo governo.

A sexta e última categoria, “Intelectuais da Educação”, com um único artigo, apresenta Paulo Freire como intelectual da educação.

Nessa categoria, a professora Maria Teresa Lisboa Nobre Pereira apresenta um perfil biográfico de Paulo Freire. Com relação a esse educador, um outro artigo na revista “Cidade Nova”, de junho de 1981, cita as contribuições desse intelectual para a educação.

Após esse mapeamento da seção educação, observamos também, a existência de conteúdos educacionais em outras seções da revista, por exemplo: o primeiro artigo que trata de Educação, nesse marco temporal investigado, está na “Seção Especial”, da revista de junho de 1980. Intitulado “Educa quem suscita pessoas novas”, é de autoria de Luiz Eduardo de Oliveira e Reinaldo M. Fleuri. O artigo é uma coletânea sobre educação e, por conta disso, tem sete páginas. Inicialmente, apresenta uma abordagem teórica sobre o papel da escola e do educador. Em seguida, aborda uma entrevista com uma professora; depois, mostra trechos de cartas dos alunos da professora entrevistada.

Constatamos, a princípio, dentre outras coisas, que a educação está inserida em outras partes da revista, além da seção educação. E, com o avanço tecnológico aliado à modernização da sociedade, novos enfoques têm sido colocados em evidência.

Após a leitura e análise de todas essas categorias de artigos sobre educação, publicados na revista “Cidade Nova”, observamos que emergem das páginas do impresso os valores da cultura da fraternidade, proposta pelo Movimento dos Focolares, como também verificamos que existe uma preocupação com a formação dos valores morais e com as práticas civilizatórias.

A proposta pedagógica abordada pela revista “Cidade Nova” procura dar subsídios a pais e educadores para que possam ser capazes de propiciar a devida formação às crianças, dentro de uma visão da sociedade voltada para a solidariedade e fraternidade. Esse impresso enfatiza, também, que a criança está inserida em um grupo que tem suas particularidades, o que a leva a aprender com as pessoas, na medida em que estabelece contatos cada vez mais próximos com elas. Nesse aspecto, sua funcionalidade a caracteriza como *Guia de aconselhamento*, tal como define CARVALHO (2007).

Considerações finais

Os estudos sobre impressos católicos e sua importância na formação do professorado ainda é escasso na historiografia da educação brasileira. O uso de manuais do tipo *caixa de utensílios*, *guias de orientação* ou *Tratado de Pedagogia* não têm sido analisados nessa dimensão constitutiva de uma classe de impressos e das suas representações sociais. A produção historiográfica sobre educação tem subestimado a intervenção dos católicos na configuração e difusão dos saberes pedagógicos no Brasil. De forma que, muito se tem a investigar acerca das estratégias católicas de difusão doutrinária no campo pedagógico, nas quais estava em jogo a hegemonia da Igreja.

Notas:

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Professora substituta do Departamento de História da referida instituição e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares/ UFS.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Professora substituta do Departamento de Educação da referida instituição e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares/ UFS.

³ Os manuais de catecismos do Monsenhor Álvaro Negromonte como instrumento de civilização cristã foram objetos de estudo de Orlando (2008).

⁴ As revistas católicas “Cidade Nova” foram objetos de estudo de Dantas (2008).

⁵ Manual analisado neste trabalho. Os manuais de catecismos do Monsenhor Álvaro Negromonte como instrumento de civilização cristã foram objetos de estudo de Orlando (2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Uso do Impresso nas Estratégias Católicas de Conformação do campo doutrinário da Pedagogia (1931-1935)”. In: **Cadernos Anped**, n. 7, 1994. p. 41-60.

_____. Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): livros de formação profissional e circulação de modelos culturais. In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

DANTAS, Maria José. **Revista Cidade Nova e as propostas de Educação**. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação de Mestrado).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUBICH, Chiara. **Ideal e Luz: Pensamento, Espiritualidade, Mundo Unido**. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2003.

NEGROMONTE, Álvaro. **A Pedagogia do Catecismo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do catecismo**. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação de Mestrado).

VILELA, Marize Carvalho. **Discursos, cursos e recursos: autores da Revista Educação (1927-1961)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2000.

REVISTA “CIDADE NOVA” - TEXTOS SOBRE EDUCAÇÃO

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. “Sementes de uma nova educação”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 10, outubro de 2001. p. 40-41.

BAGGIO, Antonio Maria. “Educar para o mundo unido”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 5, maio de 1995. p. 6-8.

BARBIERI, Edison. “A prioridade esquecida”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVIII, nº. 8, agosto de 1996. p. 11-13.

BARBIERI, Edison; PAOLUCCI, Luciana. “Analfabetos, esquecidos pela sociedade”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVII, nº. 3, março de 1995. p. 09-11.

BARBOSA, Cláudio Sampaio. “Educação para a Paz”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 11, novembro de 2000. p. 20-21.

_____. “Muito além da sala de aula”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLV, nº.3, março de 2003. p. 19-21.

BENITES, Marcello Riella. "Vivendo e aprendendo... a brincar". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXV, nº. 03, março de 1993. p. 10-11.

DONEGANA, Constanzo. "Educação para a liberdade". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 7, julho de 1990. p. 22-23.

GARCIA, Jesús. "É preciso identificar as motivações". In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 7, julho de 2001. p.31.

GASPAR, Maria do Carmo. "Educar sem proibições?" In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 9, setembro de 1988. p. 20-21.

_____. "Brigas entre irmãos". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 03, março de 1989. p. 17 - 19.

_____. "A solidariedade entre irmãos". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 4, abril de 1989. p. 16-17 e 34.

_____. "O medo na criança". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 6, junho de 1989, p. 18-19.

GASPAR, Maria do Carmo; PEIXOTO, Márcio. "Planejamento natural e educação". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 11/12, nov./dez. de 1989. p. 11-13.

GASPAR, Maria do Carmo. "A volta à escola". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 2, fevereiro de 1990. p. 4-6.

J.C.M. "Diálogo na escola". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 7, julho de 1989. p. 26- 27.

LUCCAS, Jaime. "Escola crise e desafios". In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 6, junho de 1999. p. 18-19.

_____. "Mudar o Mundo a partir da Escola". In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLIII, nº. 12, dezembro de 2001. p. 20-22.

MARTINS, Adenía Aparecida Gil. "Reconstruir o conhecimento". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXIII, nº. 7, julho de 1991. p. 04-06.

MARTINS, João Carlos. "Ensino Público: reformas inadiáveis". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXI, nº. 8, agosto de 1989. p. 22-23.

MEAZZINI, Júlio. "Educação e sociedade informática?" In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 10, outubro de 1988. p. 24-25.

MELO, Severino Barros de Melo. "A Matemática e você: de rivais a amigos". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXVI, nº. 10, outubro de 1994. p. 28-29.

NOBRE, Teresa. "Paulo Freire, uma vida pela educação". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXIX, nº. 7, julho de 1997. p. 30-31.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo de; FLEURI, Reinaldo M. "Educa quem suscita pessoas novas". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXII, nº. 06, junho de 1980. p. 6-12.

PEREÑA, José. "A Escola e a Vida". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIV, nº. 1, janeiro de 1982. p. 8 -11.

PERENHA, P. "Prêmios e Castigos ainda têm sentido?" In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXII, nº. 09, setembro de 1980. p. 20-21.

PINA, Miriam. "Livres e únicos". In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLVI, nº. 06, junho de 2004. p. 19-21.

POZZI, Nedo. "A educação do 'super - baby'". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXIX, nº. 2, fevereiro de 1987. p. 10-11.

RUGGIU, Catarina; GASPAR, Maria do Carmo. "Pré-adolescentes, um enigma?" In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 4, abril de 1988. p. 06 - 09.

_____. "Pré-adolescência: idade da socialização". In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXX, nº. 7, julho de 1988. p. 13 - 15.

RUGGIU, Catarina. “Um bilhão de analfabetos”. In: **Cidade Nova**. São Paulo. Ano XXXII, nº. 5, maio de 1990. p. 22-24.

SOUZA NETO, Samuel de. “Professor ator social e assalariado”. In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLI, nº. 10, outubro de 1999. p. 40-41.

_____. “Direito social ou mercadoria?” In: **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista - SP. Ano XLII, nº. 10, outubro de 2000. p. 8-9.